

O LIRISMO TROPICAL DE OTHONIEL MENESES: ENTRE A PERMANÊNCIA E A RENOVAÇÃO

*Maria Suely da Costa**

Com o livro **Jardim tropical** (1923), Othoniel Menezes (1895-1969), participante de "tournée's artísticas" pelo interior do estado, freqüentador assíduo de serões "lítero-musicais" realizados no salão nobre do Palácio do Governo, também se consagra para a intelectualidade norte-riograndense, dando farta contribuição para jornais e revistas da época.

Na revista **Letras Novas**, Othoniel Menezes assina os seguintes textos: "Ixion" (rev., nº 1, 1925), "O Pintassilgo" (rev., nº 2, 1925), "Ativismo" (rev., nº 3, 1925)¹ e "Genesis"* (rev., nº 4 e 5, 1926). Dos três primeiros textos, temos acesso apenas a um pequeno comentário de Manuel Rodrigues de Melo sobre o último que diz vir, o mesmo, confirmar a tendência modernista da revista (MELO, 1987, p. 173-174). Esta tendência também pode ser conferida em outros textos do poeta. "Genesis" (L. N., 4 e 5), poema longo, com 64 versos divididos em dois segmentos (o primeiro, 52 versos em 06 estrofes; o segundo, 12 versos numa única estrofe), transcorre dentro de uma métrica variada sob um ritmo de continuidade e quebra que muito se aproxima do movimento indiciado pelo dístico central do poema: "A água parada... / A água passada...". O poeta canta a gênese da vida no mistério que se funda no elemento natural água. Para ele "A água parada é uma filosofia / A água passada é uma visão", indicando o presente enquanto mistério e o passado, consciência. Na representação do que ocorre no fundo da água parada, o elemento indígena (mãe-tapuia) é colocado como ente fantástico que habita no coração da **água estagnada**. O leitor de "Genesis" se depara com um "cosmorama" de aspectos contrastantes que entram em harmonia no corpo do poema, como se, diante de seus olhos, uma tela revelasse quadros diversos:

Uma cigarra, almazinha de minha filha, descuidada,
desencantada,
deschrysallidada pela magia do verão,
canta, canta, zizía,
na festa equatorial do "Fiat" do meio-dia,
(...)

A água parada, entretanto,
vibra ainda mais do que a cigarra cantando,
na solidão.
A água parada canta, na pauta dinamica do silencio ronaldiano
a harmonia omnímota do ephemero silencio meridiano,
(...)
No coração da água parada,
ha um palacio encantado e uma varinha magica de mãe-tapuia...
(...)

* Professora da Universidade Estadual da Paraíba

¹ As referências foram colhidas do **Dicionário da Impensa do Rio Grande do Norte** (MELO, 1987, p. 173-174).

É um kosmos, espiralado do homogêneo para o heterogêneo,
 “caravançará” fluido, fervente,
 um mundo resplandescete,
 (...)

Flores maravilhosas, cheias das lágrimas frias de mãe tapuia,
 sensitivas, sensuaes, inteligentes;
 molluscos estelares, astros mumificados;
 peixes verdes, azues, amarelinhos, talhados em xarão,
 iguais a confeitinhos feitos por uma velhinha do Japão!
 e um peixe-sereia, uma linda nayade entre os nenuphars,
 emergindo:
 lindo, o seu corpo moreno, á flor da água-mater, luzindo!
 e immerge radiosa o corpo moreno, e os olhos verdes,
 e os braços longos, estelares,
 e olhando, com os olhos areentos da água parada,
 a solidão e o silencio pastoral da paisagem verde!

Trazendo uma simbologia semelhante ao poema de "água parada", principalmente pelo verso "Água tranquilla", sob versos livres e tematizando a natureza, o natalense Jayme dos Guimarães Wanderley publica o poema "Quietude" na revista **Nossa Terra... Outras... Terras...**, 1926². Este poema aparece também publicado na revista paulista **Terra Roxa e Outras Terras**, e serve de referência para um artigo publicado pela redação desta revista sobre a revista natalense, com a inclusão de nomes de poetas e prosadores que nela publicaram: Nunes Pereira, Othoniel Menezes, Jorge Fernandes, Damasceno Bezerra e Jayme dos G. Wanderley. Sobre este último, diz o artigo: "Este então sentiu uma quietude que vale a pena (...). Si não fosse o 'poema de rosa sobre a neve' era excelente" ("Nossa terra... outras terras...", In: **Terra Roxa e Outras Terras**, ano I, nº 7, 17 de set. 1926, p. 2). A crítica ao verso do poema "Quietude" de Jayme dos G. Wanderley certamente remete a um comprometimento com a cor local brasileira defendido pelos que faziam a revista paulista; a "neve" seria um inconveniente à terra do *notimbó*.

Abrindo a série de textos poéticos da revista **Nossa Terra... Outras Terras...** outro poema do autor de **Jardim tropical** que chama a atenção é "Canção do exilo". Este poema é uma amostra do quanto Othoniel Menezes estava antenado com as tendências estéticas que percorriam o meio artístico brasileiro. Dois aspectos sobressaltam aos olhos pelo título que carrega: primeiro a analogia direta com o conhecido poema "Canção de exílio" de Gonçalves Dias; depois o vínculo expressivo com o nome e propósito da revista que objetiva tematizar *nossa terra e outras terras* – o poeta canta a sua terra, estando em outra:

² Água tranquilla... / O rio escorre morosamente, / serpenteia... / Na margem deserta, um arbusto / Inclina um ramo florado na corrente... / As arvores dos bosques estão quietas, / Silenciosas, modorrando... / Um notimbó mosqueia o espaço... / Uma sisma exquisita se insinua / na alma da noite / clara... / Descorada, / a lua / passeia / pelo azul, dormente, / caudalosa, / como se escrevendo / um poema de rosa / sobre a neve... / Noite morta... (Jayme dos G. Wanderley, **N.T.O.T.**, 1926).

CANÇÃO DO EXILO

Poemazinho da esperança
 canta o soldado bagageiro:
 “Na Bahia diz que tem
 morenas de qualidade,
 tem meninas tão chic
 que até no andar deixa saudade”
 Ai! a toada, que tristeza...
 até pareço portuguez!
 Chegarei lá?
 Minha filhinha, eu sou criança,
 e nem te deixei chorar quando parti!
 Bato estas serras, brancas de bruma!
 Vejo uma igreja, eis-me a rezar...
 (os trens me arrastam) Irei voltar?
 Toca a sofrer, só de esperança,
 Maldicta coisa esta esperança!
 Vou fazer versos. Bem quisera
 ser Casimiro Triste de Abreu:
 – O agreste sassafráz, á beira d'água,
 perfuma o êrmo... –
 Chi! ... que esperança!

Chegarei lá? ...
 Canta o soldado, mas elle canta
 é o poemazinho que me faz criança!

Cantar a pátria foi um dos temas instauradores do sentimento de nacionalismo na literatura brasileira desde o Romantismo. Vale lembrar que o referido poema de Gonçalves Dias tem sido fonte de citação para vários modernistas, em diversas variantes textuais³. Com "Canção do exilo", a revista natalense celebra, em suas páginas, o desejo de compactuar com este sentimento que já se expressa em seu título. Resta saber em que linha se inscreve este propósito, se dentro de uma perspectiva romântico-tradicionalista, ou respondendo a algumas idéias emergentes com a estética modernista dos anos 20 no Brasil.

Tomando o texto de Othoniel Menezes para efeito de comparação com o de Gonçalves Dias, percebe-se, naquele, que o aspecto analógico a que o título remete não se funda, no corpo do poema, dentro de um eixo parafrásico perfeito, ou seja, por uma semelhança do sistema de métrica, rima, ritmos e de uma linguagem de exaltação hiperbolizada da natureza, estabelecendo uma *intertextualidade das semelhanças* (SANT'ANA, 1999, p. 28). O que se pode observar é que há um certo efeito irônico em pontos diversos e estratégicos do poema, criando uma diferenciação em relação ao texto original "Canção de Exílio". Logo, a referência a Gonçalves Dias se dá mais pelo título do que pelos versos, numa relação mais indireta que direta.

³ Cf. *Paródia, Paráfrase & Cia* (SANT'ANA, 1999, p. 23-26).

O poema de Othoniel Menezes inicia-se, já no primeiro verso, com o eu-poético assumindo a perspectiva de quem cita, ao mesmo tempo em que descreve, uma voz alheia: a "toada" que canta o "soldado bagageiro", identificada como "poemazinho da esperança". Uma vez tomando a ironia como estratégia de riso, e não de gargalhada, conforme assinala LEFEBVRE (1969) – o que nos permite pensá-la como algo imperceptível, emaranhado no jogo da enunciação –, os dois versos que seguem ("Ai! a toada, que tristeza... / até pareço português!") ao que parece, reforçam a idéia de discurso irônico instaurado: o poeta não afirma literalmente que a toada é uma tristeza; simplesmente, o eu-poético ouve ("Ai! a toada") como se parasse para analisar e, só em seguida, fazer a caracterização: "que tristeza!...", sugerindo um riso implícito no recurso das reticências.

Este efeito irônico deve-se tanto ao ritmo proposto pelas reticências, interrogações, exclamações, quanto à semântica das palavras na textura do poema. A inversão contida na estrutura da frase dos dois primeiros versos já põe em relevo a oposição da situação expressa pelo termo *esperança* em relação à *saudade* (palavra-chave da poesia de Gonçalves Dias). Assim, ao contrário do tom saudosista, do desejo nostálgico pela pátria-mãe, revela-se um desejo preso a uma expectativa de futuro de caráter realista. Neste poema, o sujeito poético é capaz de lançar mais um olhar reflexivo, observador do mundo, do que um exagerado olhar contemplativo. É com esta postura, por assim dizer, fria, analista e questionadora, que este impede a sua filha de chorar, quando da sua partida (v. 10-11). A predominância do tempo verbal no presente e no futuro redimensiona a posição do Eu que "sofre só de esperança". "Maldita esperança" traduzida na reiteração de termos interrogativos ("Chegarei lá?"/ "Irei voltar?"). As interrogações, caracterizando a situação de incerteza e perplexidade, indicam o desejo de regresso à terra mãe, como se o poeta estivesse possuído e alimentado pela possibilidade de mergulho em suas próprias raízes. Na viagem involuntária ("os trens me arrastam"), o sentimento de religiosidade e o retorno à infância, espécie de filtro das recordações proporcionadas pelo "poemazinho", são colocados como porto seguro. Uma nova forma de fuga é estabelecida via romantismo, não pela evasão de tempo e espaço, e sim pelo processo da metalinguagem: "Vou fazer versos!". O modelo desejado é o de "Casimiro Triste de Abreu". O adjetivo *triste*, acrescentado ao sobrenome, serve para caracterizar a perspectiva melancólica assumida pelo poeta romântico, mas também para acentuar o caráter de ironia do poema analisado – essa referência metalinguística, via tradição, está presente também na poesia de Jorge Fernandes, especificamente, na série de poemas "Meu poema parnasiano...": "Que vontade de escrever versos metrificados" ("Meu poema parnasiano nº 1"), "que vontade de ser um verso passadista" ("Meu poema parnasiano nº 2"), "Se eu fôsse um bom poeta passadista" / "Cantaria a minha infância..." ("Meu poema parnasiano nº 3").

Estes aspectos trazidos pelo poema "Canção de Exílio" de Othoniel Menezes, ao lado da alusão aos poetas Casimiro de Abreu e Gonçalves Dias, revelam a assimilação por parte do poeta natalense de uma estética romântica frente ao tema nacionalismo. Mas, por outro lado, esta assimilação projeta-se dentro de uma nova perspectiva em que o *antigo* é problematizado pelo *novo* e nele permanece. Desse modo, o dialogismo com a tradição romântica parece dar-se através do seguinte movimento: as citações e as referências do Romantismo expressam uma forma de enraizamento cultural a que o poeta se prende; por outra via, o vago tom de "exaltação" da pátria (que cessa na referência de tipos humanos – as morenas baianas, cantadas na toada, em referência ao Nordeste brasileiro), o uso do diminutivo ("poemazinho", "igrejinha"), e dos expressivos recursos estilísticos da pontuação (três vezes interrogações, cinco vezes reticências, oito vezes exclamações) tornam-se índices de que o poema "Canção de exílio" já se move pela estratégia da ironia, assinalando, pois, o seu "modernismo"; e Othoniel Menezes, fugindo às

regras de uma "imitação" pura e simples, traz as marcas de um momento histórico pelo viés de quem vive situações históricas de pouco fôlego a um nacionalismo nostálgico.

REFERÊNCIAS

ANTELO, Raúl. **Literatura em revista**. São Paulo: Ática, 1984. (Coleção Ensaios, 105)

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. **Modernismo: Anos 20 no Rio Grande do Norte**, Natal: Editora Universitária, 1995.

D'ANDREA, Moema Selma. **A Tradição re(des)coberta: Gilberto Freyre e a literatura regionalista**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.

LEFEBVRE, Henri. **Introdução à Modernidade**. Trad. Jehovanira Chysóstomo de Souza. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969. (Rumos da Cultura Moderna, 24).

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão... et al. 3. ed. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1994.

Letras Novas. Natal: n.1, 1925.

MELO, Manoel Rodrigues de. **Dicionário da Imprensa no Rio Grande do Norte: 1909-1987.**

Natal: Fundação José Augusto, 1987 (Documentos Potiguares, 3).

Nossa Terra... Outras Terras... Natal: n. 04 -05, 1926

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Paródia, Paráfrase e Cia.** 7. ed. São Paulo: Ática, 1999.

SCHWARTZ, Jorge. **Vanguarda e Cosmopolitismo na Década de 20.** São Paulo: Perspectiva, 1987.

Terra roxa & outras terras. São Paulo: Martins/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1977. Ed. fac-similada.